

CURRÍCULO ESCOLAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS E SUBJETIVAS

Leonardo Leite de Andrade¹

Dinamara Garcia Feldens²

Mary Barreto Dória³

Educação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O presente artigo é fruto de um projeto de pesquisa que tem por objetivo discutir sobre o sujeito o qual vemos em formação hoje, e sua relação com o seu espaço, formando pontes transversais entre a pesquisa com o currículo escolar e a educação ambiental, na escola, na cidade etc. Trazemos aqui uma perspectiva histórica, sobre esse conceito de sujeito e sobre o que vinha sendo discutido sobre educação ambiental, suas preocupações e a demanda a quem ela vem atender, como também uma perspectiva da filosofia da diferença, mais precisamente as reflexões sobre o filósofo psicanalista Félix Guattari (1930-1992), trazendo assim conceitos como subjetividade, transversalidade e ecosofia, para o interior do currículo escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Ambiental. Ecosofia. Transversalidade. Félix Guattari.

ABSTRACT

This article is the result of a research project that aims to discuss on the subject which we see in training today, and their relationship with their space, forming cross bridges between research with the school curriculum and environmental education at school in the city, etc. Bringing you a historical perspective on the concept of subject and about what was being discussed on environmental education, their concerns and demand to whom it is meet, but also an insight into the philosophy of difference, more precisely reflections on the philosopher psychoanalyst Felix Guattari (1930-1992), thus bringing concepts such as subjectivity, transversal and ecosophy, into the school curriculum.

KEYWORDS

Environmental Education. Ecosophy. Transversality. Felix Guattari.

1 INTRODUÇÃO

Botaram tanto lixo,
botaram tanta fumaça,
Botaram tanto lixo
por baixo da consciência da cidade,
que a cidade
tá, tá tá tá tá
com a consciência podre
Tom Zé

Por que sempre este ideal de uma coluna vertebral,
de uma subjetividade englobante? Por que não
cem, cem mil, cem milhões... Por uma questão de
eficácia? Ladainha!

Félix Guattari

Este artigo apresenta os resultados obtidos num projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, que compõe um dos eixos do Projeto Guarda-chuva: *Escola e Contemporaneidade*, financiada pelo CNPq – Edital Universal MCT/CNPq 14/2010, que contou com outros projetos de Iniciação Científica (IC), que foram desenvolvidos, coordenados e orientados nos últimos anos pela Profa. orientadora Dinamara Garcia Feldens, que coordena, também, conjuntamente, o Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UNIT/CNPq) que é vinculado, também, a este projeto e que foi de suma importância à inserção do projeto no mesmo, para a realização, desenvolvimento e reflexão dos resultados obtidos. Aqui, pretende apresentar e deixar

transparente os resultados em nível de produção científica acadêmica que ocorreram ao longo desse ano, mais especificamente, de agosto de 2014 a maio de 2015.

Fruto então do projeto de pesquisa *Sobre o Sujeito e o Espaço: Currículo Escolar e Educação Ambiental*, pesquisa financiada pelo CNPq, que teve como objetivo pensar a formação e a construção dos currículos escolares e a inserção da educação ambiental nestes, a partir da filosofia da diferença, na tentativa de captar outras linhas, novos olhares sobre diversas formas de pensar esse currículo escolar voltado para a educação ambiental e os movimentos subjetivos destes. Tendo como principal referencial teórico os filósofos franceses Gilles Deleuze (1925-1995), Félix Guattari (1930-1992), Michel Foucault (1926-1984), Friedrich Nietzsche (1844-1900) entre outros filósofos e pesquisadores brasileiros que discutem sobre a temática da educação ambiental, no qual buscamos alguns entendimentos conceituais.

A proposta de se discutir sobre o meio ambiente e a promessa de um mundo melhor já aparece a certo tempo em nossas mesas, o que nos faz pensar que não é algo tão novo assim, ainda que careça muito de novas outras pesquisas com esse enfoque, Grün (1996), nos conta que em pouco menos de três décadas é que apareceu esta emergência da crise ambiental, e foi onde começou o que ele chamou de “ecologização das sociedades”. Ele define que a partida para esta discussão, é quando o meio ambiente deixou de ser um assunto exclusivo dos “amantes da natureza” e passou a ser uma preocupação mais social.

Já Tassara (2005, p. 261), nos lembra de que a pedra de toque para esta consciência, os seus primeiros fungos, podem ser vistos no pós II Grande Guerra Mundial, inscrevendo-se assim esta problemática no contexto geopolítico: “Constata-se que, neste período, a evolução do discurso geopolítico culminou por consolidar a Ideologia do Naturalismo, tendo como substrato a Ideologia da Conservação da Natureza, difundindo-se em escala mundializada e em nível de massa”.

Porém, o importante, é que ainda que fosse uma preocupação de grande escala, a contribuição científica no ramo, é ainda muito pouca, e somente nesta última década é que podemos observar um aumento considerável de literatura produzida pelos pesquisadores brasileiros a respeito do tema com esta preocupação, o que é extremamente positivo, mas ainda há muito que ser potencializado. O Marcos Regiote (2014, p. 709), um dos pesquisadores brasileiros a respeito do tema contribui dizendo:

É na produção artística e literária e nos espaço acadêmico “indisciplinado” que a temática da devastação ecológica provocada pelos autoritarismo, totalitarismo e guerras e particularmente pela Segunda Guerra Mundial, ainda encontram eco.

A nossa pesquisa, então, toma este rumo de “indisciplinado”, procurando contribuir com estas pesquisas já realizadas e consultadas e tentando dar um passo adiante, procurando olhar sob novas lentes e perspectivas, novas ferramentas de trabalho, a fim de perscrutar, infinitas outras possibilidades e fazer pontes transversais com as várias outras áreas do conhecimento, tendo como horizonte a educação, a subjetividade e a vida. Tomamos propulsão, a partir das ideias do Félix Guattari (1930-1992), psicanalista e biólogo francês, que em seu livro *Três Ecologias*, escreve sobre questões que são de bastante inerentes ao que nós nos tornamos, e inerentes a vida em nosso planeta.

2 ECOSOFIA

Num sistema marcado pela máquina social construída a partir dos agenciamentos do capitalismo, Guattari (1993) nos fala sobre a importância de se discutir hoje sobre uma possível ecosofia; a respeito da importância deste tema e sua atualidade, ele nos responde:

O planeta terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não foram remediados, no limite, ameaçam a implantação da vida em sua superfície. (GUATTARI, 1993, p. 7).

Aqui podemos perceber a preocupação do autor para com a vida e a ameaça que bafora um hálito quente em nossas costas, que são estes desequilíbrios ecológicos, como Chernobyl e a AIDS, exemplos citados pelo autor, como “marchas-à-ré” que a ‘natureza’ pode nos oferecer. Pesquisas como essa há de propor, de se pensar sobre estas transformações técnico-científicas hoje, a nível subjetivo, a fim de refletir e criar possíveis lugares de vida, e criar laços e devires com a mecosfera, com o nosso planeta. Como também pensar e viabilizar as transformações sociais, psíquicas subjetivas, transformar assim a cidade, a educação, o olhar.

Pensar meio ambiente, não é só destacar essa visão ambientalista romântica que prioriza somente a natureza, a fauna, a flora, como bem já fazem alguns pesquisadores (GONÇALVES, 1989; BRANCO, 1990; LEIS, 1991), tampouco se privar no modelo organicista, economista e higienista tão territorializado e territorializante. As implicações que envolvem a pesquisa em educação ambiental e a ecosofia é discutir sobre questões ético-políticas e estéticas do mundo como um todo, transversalmente.

Além de toda a questão subjetiva que está implicada nesta relação. A ecosofia e a educação ambiental vêm aqui para discutir e repensar, criar novas formas de existir no âmbito das relações sociais, de forma micro, molecular. “O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre este planeta” (GUATTARI, 1993, p. 8). E ao fazer ponte com a educação, não se pretende ou nada aqui propõe, de forma este-

reotipada, falar/brincar sobre como cuidar das plantas em sala de aula, mas sim da relação que se constrói e se estabelece com elas, relação esta um tanto já esquecida; dos modos de vidas humanos individuais e coletivos que estão sendo simplesmente deteriorada, pela padronização dos comportamentos em massa, categorização da vida, máquina binária destruidora do pensamento, do desejo, e da subjetividade.

Pretende-se nesta pesquisa dar continuidade então, nos próximos meses referentes ao cronograma deste projeto de iniciação científica o projeto iniciado pelo Félix Guattari, fazendo pontes com o currículo escolar, educação ambiental e cartografar o impacto sobre a produção de subjetividade.

A metodologia deste projeto está tendo por característica o caráter qualitativo, garantindo assim uma análise pormenorizada dos dados. Nesta primeira parte do projeto, foi identificado um levantamento bibliográfico para que pudesse dar suporte às pesquisas que estão sendo empreendidas. Os trabalhos investigativos estão sendo desenvolvidos a partir de pesquisas teóricas e estudos de revisão bibliográficos, bem como, a construção dos conceitos e dos entendimentos inerentes aos signos que compõem o currículo escolar. Especificamente, no que diz respeito à educação ambiental e seus processos de produção de valores e visões de mundo, ou seja, suas contribuições semióticas para a produção de subjetividade.

Uma das características que marcam o método qualitativo é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, desde uma vez que se buscam aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita. [...] Outra característica importante à metodologia qualitativa consiste na heterodoxia no momento da análise dos dados. A variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. (MARTINS, 2004, p. 292).

Buscando construir um caminho metodológico com orientações bibliográficas, há de se atentar para o fato de que toda e qualquer forma de manifestação, representação, expressão e signos em relação ao campo de pesquisa passam a ser importantes e considerados para a análise do objeto de pesquisa. Estes elementos servirão como alicerce para reunir os diversos elementos semióticos que corroboram para a construção da subjetividade dos indivíduos. Cabe-nos, então, a responsabilidade de nos jogar sobre as *zonas tropicais*² da experiência, no meio dos signos, e fazê-los falar.

2 As zonas tropicais, é uma metáfora da qual o filósofo Gilles Deleuze, refere-se em seu livro Nietzsche e a Filosofia (1962), para nos falar sobre as zonas de mais intensidades, onde possibilita os encontros, que são inerentemente necessários para o pensamento. “Os lugares do pensamento são as zonas

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias sempre “fora” e “entre”. (DELEUZE; PARNET; 2004, p. 84).

O “método” então é sempre esse. Uma longa preparação, estar sempre à espreita, debruçado sobre a questão, e de repente duplamente-capturar. Roubar a cena. Fazê-la passar cem mil vezes, e recriá-la a cada instante. Desenvolver de forma diferente, não-análoga, com novos agenciamentos, novas linhas, novas máquinas. Pensar transversalmente, rizomaticamente. “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 7). Nesta estética-qualitativa, pesquisar assemelha-se então às ervas, em contraponto às árvores arborescentes. Uma não-estrutura. Inebriante. Num processo de bricolagem, brincar de desfazer todos os sistemas para utilizar as moléculas que movem as máquinas. Combater todas as resistências e percorrer a linha do desejo e suas segmentaridades.

Neste processo então, pesquisar já não é mais refletir apenas sobre os *livros*, mas sim implicar as práticas em movimentos imprecisos, nômades, criar possíveis para que estes sejam implantados, criar vacúolos de não-comunicação³ e fazer gaguejar todos os conceitos.

O que separa o homem da natureza? Do ambiente? Que distanciamento é esse, que se dá e se reproduz na lida diária, na escola, em todo ambiente? Essa foi uma pergunta que perpassou a pesquisa por um bom momento. Observou-se assim, tentando responder estes questionamentos o buraco negro do qual estamos aprisionados e afundados que é o pensamento técnico-cientificista, que no afasta da vida e de nossas preocupações essenciais, subjetivando-nos segundo seus modelos numa corporeidade e pensamento falido.

Trazemos então a perspectiva, de um dos mais críticos, que se conhece, desse pensamento moderno. Um filósofo bastante afirmativo, a favor da vida. Friedrich

tropicais, povoadas pelo homem tropical. Não as zonas temperadas, nem o homem moral, metódico ou moderado”. (DELEUZE, 1962, p. 125-126). Para esse mesmo autor, podemos dizer que pensamento e acontecimento são mútuos, acontecem sempre por meio de alianças. Pensar é sempre um ato de singularidade, um ato de repetição, mas interiormente de grandes e potentes diferenças.

- 3 “Criar sempre foi coisa diferente de comunicar. Importará, talvez, criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle.” Gilles Deleuze, em entrevista a Toni Negri. In: O devir revolucionário e as criações políticas. Novos Estudos CEBRAP, nº 28, out. 1990. Tradução de João H. Costa Vargas. Publicada originalmente em *Futur antérieur*, nº 1, primavera de 1990.

Nietzsche (1844-1900), extemporâneo, póstumo de seu próprio tempo, em seu livro *O Nascimento da Tragédia* já discutia temas bastante promissores e interessantes, do qual nos valem agora, para traçar nossas linhas.

Em seu livro, ele tentara nada mais que universalizar novamente, com a magia dionisiaca, o pensamento, o corpo e a natureza. Separados pela metafísica.

Sob a magia do elemento dionisiaco estreita-se não apenas a união entre um ser humano e outro: também a natureza alienada, hostil ou subjugada volta a celebrar a sua festa de reconciliação com o seu filho pródigo, o ser humano. (NIETZSCHE, 2005. p. 28).

Nietzsche anuncia aqui, a potente magia libertadora e envolvente de Dionísio sobre o homem e a natureza, que os reconcilia universalmente. Decididamente, Nietzsche está aí pensando na liberação do homem técnico-teórico-científico fundado pela metafísica e sedimentado mais futuramente pelas luzes, homem este que, dentro da concepção do mundo moderno da *ratio socrática*, havia dominado a natureza numa relação de utilidade e profanação, aonde o vínculo de união se encontrava aquebrantado.

O homem teórico frui e satisfaz-se com a cobertura rejeitada, atingindo o supremo objetivo de prazer no processo de uma descoberta sempre bem sucedida, obtida pelo esforço próprio (...) aquela crença inabalável em como o pensamento, seguindo o fio condutor da causalidade, atinge os mais profundos abismos do ser e de que o pensamento seria capaz não apenas de conhecer, mas mesmo de corrigir o ser. Essa sublime ilusão metafísica adiciona-se como instinto à ciência [...]. (NIETZSCHE, 2005, p. 110-111).

Aqui percebemos as afirmações de Nietzsche, a respeito dos gregos, mais precisamente dos clássicos, o homem aqui já não mais se sentia um com a natureza, se não que esta se apresentava ante seus olhos como algo outro, diferente de si mesmo, passível de controle, aonde o mesmo, deveria por sua própria força pensar, controlar, dominar... Nietzsche, neste empreendimento quer reconciliar o humano em sua obra, por meio do espírito dionisiaco e removê-lo de sua situação de "escravidão alienada" que ele considera o pensamento: "Agora o escravo é um homem livre, caem agora todas as rotas rígidas, hostis delimitações, a arbitrariedade que tenta se estabelecer entre os homens" (NIETZSCHE, 2005, p. 112). Este se liberta das cadeias aniquiladoras da razão para entrar numa dimensão dionisiaca não racional do mundo, o caótico. Dionísio coloca o humano em uma universalidade de corporeidade não racional. Começa-se a sentir o mundo como uma extensão antecipada, e, no entanto, é fácil perder-se.

Com esse Nietzsche em devir-ambientalista, ganhamos ar, sentimos a presença e a possibilidade de um possível nesta pesquisa. Seu intento em libertar o homem das garras da metafísica, faz voar o pensamento, longe das grades da história da filosofia, que nos colocar num devir de morte, morte do pensamento, morte da relação corpo-natureza. A magia dionisiaca traz essa possibilidade, mas como dar força a ela? Muito se pesquisa hoje a respeito da ecologia, essa área do saber que consiste em “estudar sobre a casa”, porém vemos incessantemente a casa suja a reclamar. Há vários projetos, mas falta força, engendramento.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo. (GUATTARI, 1993, p. 9).

De acordo com Regiota (2014), observa-se então, que seu argumento está suplantado em suas táticas e opção política das revoluções moleculares cotidianas para ganhar esta força necessária à pesquisa ecológica, ressaltando assim a importância política dos processos de subjetivação. Longe dos clichês economistas e higienistas, Guattari pensa numa transformação social, molecular, mental, e conseqüentemente ambiental. Falar de forças, também implica movimentos bruscos, intranquilos, do qual trata essa ecologia. “Não há sossego, nem mesmo na ecologia” diz Ana Godoy (2008, p. 151), e não é isso que esperamos:

A sociedade pós-industrial, então, confronta-se com uma crise que, mais do que ecológica ou material, é uma crise de valores, do estilo de pensamento, dos imaginários sociais, dos pressupostos epistemológicos e do conhecimento que sustentaram a modernidade. A simplificação das análises concentradas na racionalidade ocidental não consegue dar conta da complexidade do mundo. (JACOBI et al., 2009, p. 64).

E todo esse empreendimento, que tem a ver com a escola? Que espaços possíveis podem acoplar/agenciar com a escola, com a sala de aula? E quais são seus impactos com a subjetividade? Como definido no debate a respeito da ecologia feita por Guattari, percebemos que o mesmo enfatiza a importância de se observar e pensar sobre a crise de valores, estilo de pensamento, relações, conhecimento, e etc. como produto subjetivo desse modelo de sociedade dominante marcada pela sociedade de consumo e todas as aparelhagem do capitalismo.

É por esse motivo, que muitos autores ressaltam e relacionam a crise ambiental a uma crise da cultura ocidental, pois dentre todas as crises ecológicas já vivenciadas, está e a primeira na qual somos a *causa* principal da crise (GRÜN, 1996) e notamos que todas as pesquisas feitas em educação ambiental tendem a convergir para a discussão de uma possível reapropriação de certos valores. Inclusive no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (FORÚM..., 1992), que se destaca por ser um dos documentos mais importantes de referência da Educação Ambiental, ressalta a importância de criar valores e ações que contribuem para a transformação humana e social, concomitantemente para a preservação ecológica; levantando valores morais, julgados equitativos para a construção de uma sociedade mais justa e ecologicamente equilibrada.

A educação ambiental faz-se novidade, então, por sustentar um pensamento transversal promissor. Projetos de Iniciação Científica anteriores a este, preocuparam-se em estudar sobre currículo escolar na contemporaneidade, problematizar questões a respeito dos assujeitamentos dos saberes.

Em pesquisas fundamentadas em autores pós-modernos tais como Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Félix Guattari, refletiu-se sobre a possibilidade de se pensar um currículo nômade, onde interagisse transdisciplinarmente com várias outras áreas do saber, agregando assim, inúmeras experiências práticas que seguisse a proposta da formação cidadã do sujeito, e sua participação política, criativa e construtiva. Esse projeto surge, então, como um possível complemento que agrega os dados desta pesquisa e discute sobre questões atuais, promovendo assim uma ecologia social, mental e ambiental, o que está noutras palavras descritas no Tratado de Educação Ambiental como preocupação primordial que visam mudanças sociais, políticas e estéticas.

A inclusão de um novo paradigma estético dentro dos currículos escolares vai além de apenas semanas do meio ambiente, dia do índio, dia da árvore etc. Apesar de ser, reconhecidamente uma válida iniciativa; em nível de mudança social, a educação ambiental deve passar em todos os ditames e limites da educação, adentrar no currículo de cabeça e fazer severas mudanças, a fim de que seus objetivos sejam efetivados.

Ao invés de tentar criar “novos valores”, como comumente é pensado, Grün (1996, p. 44) nos alerta: “a educação ambiental deveria se preocupar em resgatar alguns valores já existentes, mas que foram recalcados ou reprimidos pela tradição dominante do racionalismo cartesiano”. Historicamente estamos em desvantagem, porém há agora o espaço de alimentar nossas máquinas. “Talvez uma das questões primordiais para a edificação do campo epistêmico da educação ambiental seja remontarmos ao passado com os olhos do presente” (GRÜN, 1996, p. 22).

Olhar para o passado, não implica em querer voltar atrás, mais sim, buscar e aprender onde erramos e invocar a história mais a uma vez, para aprender nossos

próprios erros, e enfim, jogar fora, desaprender o caminho para nunca mais, lá voltar. Como nos diz Guattari:

Certamente seria absurdo querer voltar atrás para tentar reconstituir as antigas maneiras de viver. Jamais o trabalho humano ou o habitat voltarão a ser o que eram há poucas décadas, depois das revoluções informáticas, robóticas, depois do desenvolvimento do gênio genético e depois da mundialização do conjunto dos mercados. (GUATTARI, 1993, p. 24-25).

No caminho da educação, também, não seria diferente, olhar para o passado, para a história da educação e a desaprender todos os erros, largá-los à beira da estrada é essencial. Aqui há uma reflexão essencial: a partir de nossas caminhadas filosóficas observamos que, embrionariamente, umas das consequências desastrosas para esta densidade subjetiva que destrói nosso planeta, é esse pensamento técnico-científico-moderno, fundado no cartesianismo, e infelizmente, nossas escolas e seu currículo escolar, também, é perpassado por esta molaridade, por esta linha dura, estas arborescências.

É neste sentido que Guattari (1993) ressalta a importância de se pensar uma ecologia em três instâncias: social, mental e ambiental. Além de reagrupar os regimes semióticos: econômicos, jurídicos, técnico-científicos, subjetivos. Em nível de transformação, devemos transformar toda a coluna vertebral de nossa escola, fazê-la funcionar de forma diferente. *Convocar o buda*⁴ dos professores, dos alunos, dos gestores, do currículo escolar e com isto, fazer possível a transversalidade.

A transversalidade implica em não haver uma diferenciação entre psique e corpo, pessoa e ambiente, escola e cidade... Fazer ponte entre os saberes, pensar na *imanência*⁵. A transversalidade implica fazer desprender as cartografias exis-

4 Analogia à música do cantor Criolo.

5 O conceito de imanência é um conceito deleuziano, pensado a partir de diversas alianças que o filósofo teve com outros filósofos, dentre estes, especialmente Espinosa e Nietzsche e surge também de uma preocupação que os autores tem em relação a criação de conceitos, que é determinada a função da filosofia, para estes, criar conceitos, para a partir disso, criar suas microresistências, máquinas de guerra. Como nos aponta Gelamo (2008), para Deleuze a imanência, contrariando sobre o que se pensa a respeito da imanência não é algo que está imanente, a imanência é em si, não está em alguma coisa, ou tampouco funciona como receptor nem depende de algo (DELEUZE, 2006), ela é em si totalidade de todas as coisas, um corte no caos, quebrando assim todas as dualidades, somente assim é compreensível este conceito: céu-terra, imanente-transcendente, homem-mulher, nada há disso, tudo é um, e estes deslizam sobre os planos de imanência, sobre os planos de consistência. Implica ai também: "interromper o modo de entendimento que age como uma consciência subjetiva a qual pensa

tenciais, e as três ecologias dos paradigmas científicos e fazê-lo funcionar de forma menor, que não implica em ser algo desvalorizado, pequeno, ou pouco, mas sim que afirma sua diferença e engendra-se/faz mover com questões relacionadas à *potentia* (potência) do existir, do viver neste mundo. Se constituindo, definindo-o e desterritorializando-o.

Os temas transversais, que constituem o centro das atuais preocupações sociais, devem ser o eixo em torno do qual deve girar a temática das áreas curriculares, que adquirem assim, tanto para o corpo docente como para os alunos, o valor de instrumentos necessários para a obtenção das finalidades desejadas (MORENO apud BUSQUETS et al., 1997, p. 37).

O meio ambiente não deve transformar-se em si, numa nova disciplina, não! Isso seria uma das grandes outras “marchas-à-ré” na educação e para a ecologia. Esta deve sim, perpassar todo o currículo e sua criação. É em si um grande desafio para os educadores, porém necessário. Fazer movimentos puros, estrangeiros em sua própria língua, em seu próprio território. Pensamos que também se aplica a fazer-se estrangeiro, ou provocar estrangeirismo em assuntos outros. Dialogar com esses assuntos e fazer criar tantos outros povos quantos sejam possíveis, multiplicando assim o campo das virtualidades.

Cito uma pequena parte de um bate-papo entre a Monja Coen e o Cantor Criolo, publicado pela *Yoga Journal*, para demonstrar parte desta cartografia de afectos, neste momento onde falamos sobre transversalidade como impacto sobre a subjetividade humana:

E é isso, Buda não é uma imagem, é um estado interior, como você mesmo falou. Um estado de percepção clara da realidade. Ver com clareza e poder reagir com discernimento. Como eu respondo a esse mundo? Reagir é fácil, “se me empurrar, eu empurro de volta”. Como faço outro movimento? Não empurro de volta. Eu faço um movimento de transformação que não precisa ser violento. Isso para mim é chamar o Buda. A resposta de Buda, que transforma com sabedoria e compaixão. “Tem ternura”. (CRIOLO; COEN, 2015, [n.p.]).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar transversalmente é enxergar esse *Buda* em você mesmo e em todos, não cobrar ou esperar o que a pessoa não tem, mas sim aproveitar as ferramentas que

um objeto que está fora dela. Isso por que não haveria uma separação entre o sujeito e o objeto nem mesmo entre a imanência e seus habitantes” (DELEUZE, 2006 apud GELAMO, 2008, p. 132).

estão já aí, e inventar infinitas outras possibilidades de usos, criar novas ferramentas com estas mesmas e conquistar novos territórios.

As pessoas pensam sempre num futuro maioritário (quando eu for grande, quando eu tiver o poder...). Ora, o problema é o de um devir-minoritário: não fazer como, não mimetizar a criança, o louco, a mulher, o animal, o gago ou o estrangeiro, mas devir tudo isso, para inventar novas forças ou novas armas. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 15).

O empreendimento, então, de uma consciência ambiental, sobretudo nas escolas, é então criar possibilidades e possíveis para que novas forças ou novas armas sejam criadas. A consciência ambiental é a anunciação de um novo homem, não mais docilizado, tampouco assujeitado, mas sim potente, criativo e imanente... Sensível aos encontros.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Samuel Murgel. Meio ambiente em debate. In: **Meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1990.

BUSQUETS, Maria Dolors *et al.* **Temas transversais em educação bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1997.

CORAZZA, Sandra M. **Currículo na Contemporaneidade**. Formação Continuada: Blumenau, 2008.

CRIOLO; COEN, Monja. **Jardim da Infância**. Yoga Journal. [On-line]. Greice Costa. Publicado em 7/2/2015. Disponível em: <<http://www.yogajournal.com.br/comunidade/jardim-da-infancia/>>. Acesso em: 7 fev. 2015.

DELEUZE, Gilles. **A imanência, uma vida...** Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 1962.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo, SP: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 2.ed. São Paulo, SP: 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, SP: 34, 1997.

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo, SP: Escuta, 1998.
- FORUM INTERNACIONAL DAS ONGs. **Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Rio de Janeiro, 1992.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.
- GELAMO, Rodrigo Pelloso. A imanência como “lugar” do ensino de filosofia. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.34, n.1, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 abr. 2015.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- GODOY, Ana. A menor das ecologias. **Sign 13**, 2009. p.38.
- GUATARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: 34, 2008.
- JACOBI, Pedro Roberto; Martha TRISTAO; M. I. G. C. FRANCO. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. **Cad Cedes**, 29.77, 2009. p.63-79.
- LEIS, Hector R. Ecologia e política mundial. In. **Ecologia e política mundial**. Rio de Janeiro: FASE/VOZES, 1991.
- MAKNAMARA, Marlécio; MAHFOUD, Miguel. Subjetividade, crise e educação ambiental. **Rev. Mal-Estar Subj.** [on-line], v.9, n.1, 2009. p.251-275.
- MARTINS, H.H.T. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2004.
- REGIOTA, M. A devastação ecológica em cinzas do norte de Milton Hatoum. **Psicologia & Sociedade**, 2014. 26(3), 707-715.
- TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. Psicologia Ambiental e futuro: reflexões geopolíticas sobre Política Ambiental. **Psicol.** USP, v.16, n.1-2, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100027&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jan. 2015.

Data do recebimento: 03 de junho de 2015

Data da avaliação: 16 de julho de 2015

Data de aceite: 11 de agosto de 2015

1. Graduando de Psicologia na Universidade Tiradentes (UNIT)/Sergipe. Campus Farolândia. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq e membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UNIT/CNPq). E-mail: leonardoapsico@live.com.
2. Licenciada em História (1996) com Mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS (1999) e Doutorado em Educação pela UNISINOS (2004). Possui pós doutorado pela Universidade Complutense de Madrid UCM, na área de História e Filosofia da Educação. É pesquisadora do Instituto Tecnológico de Pesquisa (ITP) e professora no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT). E-mail: dfeldens@hotmail.com
3. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2006) com especialização *latu sensu* em Arte Educação pela Faculdade São Luis de França (2009). Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT) e membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Subjetividade (GPECS/UNIT/CNPq). E-mail: barretodoria@hotmail.com